

A linguagem em movimento pelos discursos de Cora Coralina

Daniele Aparecida Russo

Ana Claudia Bazé de Lima

Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto

Sandra Aparecida Pires Franco

Andressa Cristina Molinari

Silvana Paulina de Souza

Como citar: RUSSO, Daniele Aparecida *et al.* A linguagem em movimento pelos discursos de Cora Coralina. *In:* BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino (org.).

Mulheres, gênero e sexualidades na sociedade: diversos olhares sobre a cultura da desigualdade - volume 2. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p.163-179.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-86-6.p163-179>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

A LINGUAGEM EM MOVIMENTO PELOS DISCURSOS DE CORA CORALINA

Daniele Aparecida Russo

Ana Claudia Bazé de Lima

Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto

Sandra Aparecida Pires Franco

Andressa Cristina Molinari

Silvana Paulina de Souza

Todo texto, escrito ou oral, está conectado dialogicamente com outros textos. (PONZIO, 2016, p. 102).

Pretendemos compreender a tecitura poética de Cora Coralina a partir das ideias de Voloshinov – Bakhtin nos estudos de Ponzio (2016) sobre as formas do discurso reproduzido na manipulação da palavra alheia.

A partir da realização do minicurso “Minha vida, meus sentidos, minha estética [...] de mulher”: práticas de leitura e as múltiplas vozes na

poesia de Cora Coralina, sob coordenação de Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto (UNESP - Marília), Sandra Franco (UEL - Londrina - PR), Daniele Aparecida Russo (PPGE - UNESP - Marília) e Ana Cláudia Bazé de Lima (PPGE UNESP - Marília), realizado no evento “XIII Semana da Mulher - Mulheres e gênero: olhares sobre a educação, mídia, saúde e violência,” promovido pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, campi de Marília em 28 a 30 de março de 2017, ousamos dizer que Cora Coralina não era pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, Cora Coralina era a própria Ana Lins.

A coerência entre pessoa e poetisa era intensa e visível na sua história de vida e nas suas obras e, por isso, relacioná-la às ideias de Voloshinov – Bakhtin sobre as formas do discurso reproduzido na manipulação da palavra alheia (PONZIO, 2016) é relevante. Conforme abordado no fragmento “Minha vida, meus sentidos, minha estética [...] de mulher” encontramos as vozes que compõem Cora Coralina no poema Todas as Vidas.

TODAS AS VIDAS

Vive dentro de mim
uma cabocla velha
de mau-olhado,
acocorada ao pé do borralho,
olhando pra o fogo.
Benze quebranto.
Bota feitiço...
Ogum. Orixá.
Macumba, terreiro.
Ogã, pai-de-santo...
Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho,
Seu cheiro gostoso
d'água e sabão.
Rodilha de pano.
Trouxa de roupa,
pedra de anil.
Sua coroa verde de são-caetano.

Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
toda pretinha.
Bem cacheada de picumã.
Pedra pontuda.
Cumbuco de coco.
Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim
a mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,
desabusada, sem preconceitos,
de casca-grossa,
de chinelinha,
e filharada.

Vive dentro de mim
a mulher roceira.
– Enxerto da terra,
meio casmurra.
Trabalhadeira.
Madrugadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos.
Seus vinte netos.

Vive dentro de mim
a mulher da vida.
Minha irmãzinha...
tão desprezada,
tão murmurada...
Fingindo alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida –
a vida mera das obscuras. (Cora Coralina).

Não é difícil, assim, para o leitor iniciante de Cora, perceber as múltiplas vozes em sua poética tecida e entremeada com e em própria biografia, seus sentidos e sua estética de Mulher.

Ana Lins nasceu dia 20 de agosto de 1889 na Cidade de Goiás, local em que passou a infância e adolescência, começou a escrever poemas com quatorze anos de idade tendo estudado até a quarta série do primário, atual quinto ano do Ensino Fundamental. Casou-se e se mudou com o marido, o advogado paulista Cantilho Bretas, para o interior de São Paulo em 1911 e lá, constituiu sua família. Segundo pesquisas, foi neste tempo que se tornou doceira para sustentar os quatro filhos, após a morte do marido em 1934.

Se constituiu Cora Coralina num contexto histórico em que as mulheres estavam para serem esposas habilidosas, mães e cuidadoras do lar. Para falarmos da poetisa Cora, mulher que vivia neste tempo, implica nos remetermos à figura feminina visionária que rompeu paradigmas sociais para dar voz às suas Vidas... Não poderíamos deixar de citar o romper com um tempo marcado pelas produções literárias masculinas, presente e representado em seu próprio livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, que, no prefácio apresentado por Oswaldino Marques, podemos ler em “Cora Coralina Professora de Existência” quando nos fala entre expressões que marcam a sensibilidade de Cora, onde apresenta também, que ao lermos os poemas pensamos num Guimarães Rosa transposto para a poesia de Goiás. Seria um elogio, se desconsiderássemos que naquele contexto histórico se vivia a negação da legitimidade cultural da

mulher como sujeito do discurso (SCHIMIDT, 1995) e Aninha, como era docemente chamada, viveu esse tempo na busca da legitimidade dos sentidos de sua vida.

Coelho (1991) corrobora ao afirmar que foi um momento que se compreendeu a força com que a Literatura Feminina veio impondo à crítica, como um fenômeno especial que exigia atenção; mesmo a despeito das muitas vozes (inclusive de muitas escritoras...) que vieram nessa distinção (feminino versus masculino) mais uma discriminação. Isto posto, não se tratava de saber se a produção literária feminina era melhor ou pior do que a masculina, pois o valor literário não estava condicionado ao sexo, mas na força criativa e na qualidade do espírito que a produz. Assim, a poetisa do Estado de Goiás, doceira famosa, principalmente pelos doces de abóbora e figo, deixou muita doçura em seu legado não pelas receitas, mas, ao tocar corações que até hoje, e seguramente nas gerações futuras, leem cada poesia deixada por ela como palavras vivas.

A partir do entendimento de que todo discurso é um discurso reproduzido, que recorre ao discurso alheio, entendemos que se fala sempre por meio da palavra do outro ou outros, buscamos em introdução do teórico literário Terry Eagleton, em sua *Teoria da Literatura* (2003), questionamento indispensável para, afinal, trazer mais lucidez a essa intrincada questão: o que significaria tal discurso alheio? Afinal, nosso objeto de reflexão é o discurso poético de uma mulher de seu tempo, discurso esse recepcionado em sociedade como singularidade metafórica, sobretudo, literária.

Eagleton em introdução de sua Obra: *Teoria da Literatura - Uma Introdução*, faz-nos uma provocação: O que é literatura? Com essa pergunta vem ampliar-nos horizontes quanto nossa recepção do que significa o discurso literário. Para o teórico, deveríamos trazer outra abordagem daquela que comumente trazemos há muito para conceituar literatura, talvez redimensionar o discurso ficcional e ir além do conceito de certo senso comum que vê o discurso da ficção como apenas "imaginativo". Nesse trilhar, vamos abrindo clareiras nos discursos poéticos criados por Cora Coralina, que transformam e intensificam a linguagem comum, afastando-se sim da fala cotidiana, criando uma desconformidade entre os significantes e os significados. Em movimento ininterrupto, a poesia de Cora para um leitor dedicado, chama a atenção sobre si mesma expondo

existência real e material para o contexto histórico na época em que os textos ficcionais da poetisa foram criados.

No âmbito da Poesia, as vozes femininas que (tal como as dos homens) se fazem ouvir a partir dos anos 60, embora apresentando as mais variadas tendências de estilo, processos ou temas, apresentam um traço comum que as aproxima e identifica como participantes de uma mesma força criadora: a consciência experimentalista no sentido do reajustamento da linguagem às solicitações dos novos tempos e o impulso dinâmico de integração do ser humano e da poesia no processo histórico em desenvolvimento. Isto é, uma nova confiança na condição humana, devido à sua possível transcendência através da Arte e do Espírito. Ou ainda, uma nova interrogação do ser-poeta. O amor desaparece como tema ou passa para segundo plano. Em primeiro, aparece predominantemente o tempo e suas mutações. (COELHO, 1991, p. 96).

Na voz poética da poetisa, em seus poemas, podemos acompanhar o tempo vivido e as mutações de Ana Lins ao ir constituindo sua alteridade e a identidade de Cora Coralina. Como vemos, a propriedade sobre a palavra não é exclusiva e total. A apropriação linguística é um processo que vai desde a repetição da palavra alheia à sua reelaboração, capaz de fazê-lo ressoar de forma diferente, de conceder-lhe uma nova perspectiva, de fazer-lhe expressar um ponto de vista diferente. Porém, permanece semi-alheia ou própria-alheia, em qualquer caso. (PONZIO, 2016, p.101).

Isto posto, impõem-se que as palavras que usamos provêm do discurso alheio e não são palavras isoladas, neutras e vazias de valorações, mas palavras alheias trazidas e usadas com uma determinada direção ideológica, expressando um determinado nexos com a práxis. Além disso, provêm de “determinadas linguagens, registros, de determinados gêneros de discurso, cotidiano, literário, científico etc.” (PONZIO, 2016, p.102). Neste sentido, podemos dizer que as linguagens que constituem os poemas de Cora Coralina são linguagens do cotidiano, resultantes das suas vivências, subjetividades e experiências que foram objetivadas em seus poemas com muita sabedoria e encharcadas de sentimentos.

A palavra é alheia e tem valorações diferentes, é axiológica, o acento valorativo que cada um dá é que a caracteriza como palavra própria-alheia ou semi-alheia.

Falar, tanto na sua forma escrita como na oral, significa empregar peças que se obtêm desmontando discursos alheios, e essas peças não são as mesmas da dupla articulação da linguagem (fonemas e morfemas), não pertencem à língua como sistema abstrato, mas a discursos concretos, ligados a contextos situacionais e linguísticos concretos. São materiais já manipulados, e, como tais, no plano semântico não são somente semantemas, mas também *ideologemas*; não têm só um significado geral, mas também um sentido ideológico preciso. (PONZIO, 2016, p.102).

Portanto, a palavra não é entendida aqui como isolada e no sentido dicionarizado, mas entendida como enunciações carregadas de sentidos dados por meios de quadros axiológicos.

A poesia de Cora Coralina mostra-nos um exemplo, particularmente claro do que se afirmou. Seu discurso torna estranha a fala comum, mas ao criá-lo, porém, nos leva a experimentar, no campo estético e paradoxal vivência íntima e intensa, como se registrássemos aquele universo criado como nosso, podendo até mesmo antecipar o que um próximo verso de um poema materializará para o leitor. Como na época em que retornou para Goiás, viúva e sozinha em 1956. Quando seu coração transbordou em palavras vivas dando voz àquele tempo vivido, compartilhando com seus leitores... seus sentidos de Mulher.

O CHAMADO DAS PEDRAS

A estrada está deserta.
Vou caminhando sozinha.
Ninguém me espera no caminho.
Ninguém acende a luz.
A velha candeia de azeite
de a muito se apagou.

Tudo deserto.
A longa caminhada.
A longa noite escura.
Ninguém me estende a mão.
E as mãos atiram pedras.

Sozinha...
Errada a estrada.
No frio, no escuro, no abandono.
Tateio em volta e procuro a luz.
Meus olhos estão fechados.
Meus olhos estão cegos.
Vêm do passado.

Num bramido de dor.
Num espasmo de agonia
ouço um vagido de criança.
É meu filho que acaba de nascer.

Sozinha...
Na estrada deserta,
sempre a procurar
o perdido tempo
que ficou pra trás.

Do perdido tempo.
Do passado tempo
escuto a voz das pedras:

Volta... Volta... Volta...
E os morros abriam para mim
imensos braços vegetais.

E os sinos das igrejas
que ouvia na distância
Diziam: Vem... Vem... Vem...

E as rolinhas fogo-pagou
das velhas cumeeiras:
Porque não voltou...
Porque não voltou...
E a água do rio que corria
chamava... chamava...

Vestida de cabelos brancos
Voltei sozinha à velha casa, deserta.

(Cora Coralina, *Meu Livro de Cordel*, 1994, p. 84).

E “vestida de cabelos brancos”, já em Goiás, para se manter, Ana Lins fazia e vendia seus saborosos doces caseiros de frutas feitos em tachos de cobre na “velha casa” à beira do rio Vermelho onde atualmente é um museu com seus pertences pessoais, espaço encharcado de memórias e histórias.

Talvez esse fenômeno possa ser explicado pelo fato de que todo texto, seja ele escrito ou oral, está conectado dialogicamente com outros textos. Pensa-se que Cora Coralina ao escrever seus poemas, antecipa possíveis respostas, objeções e se orienta em direção a textos anteriormente produzidos. Ponzio (2016) elucida-nos que em todas as vezes que se produz um discurso existem duas perspectivas, são elas: a temática, de conteúdo, referencial e a outra formal, gramatical e estilística.

Assim a inovação ideológica, de gênero, de discurso, de registro, em Cora Coralina bem como em outras poéticas de seus antecessores ou contemporâneos pressupõe o passo obrigatório a ter assimilado tradições, práticas e modelos significantes pertencentes a outros modelos. Trata-se de palavra viva, já que a palavra alheia é manipulada, prevendo e prevenindo suas possibilidades de retroação, de resistência, de recusa ou de eliminação

de novos sentidos que lhe são atribuídos. Ou ainda, buscando em Foucault outra reflexão para a função da linguagem que seria “refletir” o pensamento e conhecimento de mundo, pois o ser humano nessa operação subjetiva representa para si o mundo por meio da linguagem, num determinado espaço e momento, seu discurso, invariavelmente se constitui em “espelho no mundo”, produz sentidos que para o outro que os recepcionam encontram diferenças. Em cada época, a linguagem apropria-se de certo objeto porque “[...] funciona a partir de regras discursivas determinadas.” Melhor exemplificando, a análise histórica como único meio para se analisar certo discurso é insuficiente, pois escapa-lhe uma origem de busca e repetição em que: “O outro a destina ser interpretação ou escuta de um já dito que seria, ao mesmo tempo um não-dito. (FOUCAULT, 1987, p. 28).

Aproximando a teoria da linguagem de Foucault (1997) e Ponzio (2016) seria-nos possível afirmar que toda enunciação enquanto expressa seu objeto, expressa direta ou indiretamente sua própria posição sobre a palavra alheia. E ainda enxergar em tais enunciações peculiares transformações sociais e humanas e rupturas do senso comum, não apenas repetições das coisas como se elas em sua origem nos apresentassem isoladamente, mas como discursos de seres humanos “que as movimentam juntamente com o passar dos anos, que cada época transforme-se, de modo que a linguagem seja uma técnica e prática para o indivíduo se socializar.” (AZEVEDO, 2013, p.161).

Ponzio (2016) afirma que a relação básica na fala é triangular, ou seja, apresenta outros dois com quem nos relacionamos ao falar: a pessoa de quem tomamos as palavras e a pessoa a quem nos dirigimos. “O triângulo tem a vértice no ponto de vista deste último e os outros dois ângulos coincidem com o ponto de vista do falante e com o ponto de vista que os demais têm da palavra a que o falante recorre e utiliza nesse momento.” (PONZIO, 2016, p.103).

Dessa forma, ao representar seu estilo, o autor (o falante) já não se identifica mais com a palavra alheia, esta que já se transformou em convencional. Contrariamente à estilização, o autor pode introduzir nessa palavra uma intenção que é completamente oposta à intenção alheia. Portanto, pode-se afirmar que a forma como nos colocamos em relação a palavra alheia depende também do diálogo interior.

O diálogo interior entendido a partir da dialogia da palavra alheia com as vivências, experiências e intenções do autor, considerando também o lugar de onde este fala e neste caminho, enveredamos a vida de Cora para compreender seus sentidos.

Logo, a dialética entre a própria palavra e a palavra alheia, tema de Voloshinov em “Marxismo e filosofia da linguagem”, manifesta-se de forma direta, nos casos em que a própria palavra assume explicitamente a função de reproduzir a palavra alheia, sob a forma do discurso direto, indireto e indireto livre.

As condições sociais concretas são as que conduzem ao predomínio de alguns modos de situar-se diante do discurso alheio e a influência que exercem estes modelos sobre o comportamento dos falantes dependem também dos fatores históricos-sociais.

O contexto do autor e a palavra reproduzida estão intimamente ligados e relacionam-se entre si. É a relação dialógica do “eu” com o “outro”, entendendo este outro não só por diferentes sujeitos que nos relacionamos e esbarramos durante a vida, mas entendendo este “outro” como todos os objetos da cultura humana em que me relaciono.

A mulher de vanguarda que nos encorajou pensar no “Minha vida, meus sentidos, minha estética [...] de mulher”: práticas de leitura e as múltiplas vozes na poesia de Cora Coralina, é conceituada como uma das mais importantes escritoras brasileiras do século XX. Considerada como presença relevante, em junho de 1965 publicou seu primeiro livro (*Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*), quando já tinha quase 76 anos de idade.

Cora Coralina vem reafirmar mais uma ideia de Bakhtin em um ensaio de 1970 quando ele diz que os fenômenos de sentidos podem perdurar durante períodos históricos e se manifestar inclusive quando a cultura a que pertenciam já não existe, revelando-se em contextos culturais de épocas sucessivas capazes de lhes dar uma compreensão responsiva. (PONZIO, 2016, p. 98).

Isso significa que o sentido não está sempre fechado ao contexto ao qual pertence, não está limitado ao contexto em que está inserido, que lhe é contemporâneo. Nem sempre as fronteiras espaciais, temporais, axiológicas, culturais, linguísticas, favorecem o despertar de determinados autores, artistas, de determinadas obras, enfim, podem se manifestar quando “o sentido não

nasce completamente de seu contexto, de seu presente e existe por estar ligado a um passado concreto, a uma tradição, por pertencer a um âmbito muito mais amplo que o das capacidades interpretativas dos interlocutores diretos e o de todos os seus contemporâneos”. (PONZIO, 2016, p. 98).

Cora Coralina teve o início de seu reconhecimento como escritora no final de sua vida, mas o reconhecimento posterior a seu tempo perdura e perdurará como objeto da cultura humana em que muitas gerações tiveram e terão acesso. Nos poemas de Cora Coralina o que estão presentes são enunciados compostos de signos verbais e não verbais que emocionam e contam uma história de vida intensa de tantos momentos dialógicos existentes nela.

As relações que Ana Lins foi estabelecendo durante sua vida, foram a constituindo Cora Coralina e ao ser imersa na cultura humana expressou em seus poemas sentimentos, melodias, ilustrações, valorações, entonações, sentidos, vivências, afetamentos, contextos, revelando-se.

A PROCURA

Andei pelos caminhos da Vida
Caminhei pelas ruas do Destino –
 procurando meu signo.
Bati na porta da Fortuna,
 mandou dizer que não estava.
Bati na porta da Fama,
 falou que não podia atender.
Procurei na casa da Felicidade,
a vizinha da frente me informou
 que ela tinha mudado
 sem deixar novo endereço.
Procurei a porta da Fortaleza.
Ela me fez entrar: deu-me veste nova,
 perfumou-me os cabelos,
 fez me beber de seu vinho.
Acertei meu caminho.

(Cora Coralina, *Meu Livro de Cordel*, 1994, p. 81).

Neste contexto de vida e estética, de representatividade de vozes que entre conceitos de Bakhtin e alguns poemas e histórias de vida deixado por Cora Coralina, o minicurso “Minha vida, meus sentidos, minha estética [...] de mulher”: práticas de leitura e as múltiplas vozes na poesia de Cora Coralina, aconteceu no evento “XIII Semana da Mulher - Mulheres e gênero: olhares sobre a educação, mídia, saúde e violência” entre 28 a 30 de março de 2017 na Universidade Estadual Paulista – UNESP, campi de Marília.

Permeado de discussões sustentadas pela teoria bakhtiniana, da apreciação da palavra viva de Cora, encorajou as participantes a narrarem suas vivências e experiências naquele momento de diálogo oportunizado na dinâmica do minicurso, oferecemos alguns poemas de Cora Coralina que foram lidos, relatados e relacionados com os afetamentos e entendimentos das participantes. Dentre estes Mulher da Vida foi analisado e discutido.

MULHER DA VIDA

Contribuição para o Ano Internacional da Mulher, 1975.

Mulher da Vida,
Minha irmã.

De todos os tempos.

De todos os povos.

De todas as latitudes.

Ela vem do fundo imemorial das idades e

carrega a carga pesada dos mais

torpes sinônimos,

apelidos e apodos:

Mulher da zona,

Mulher da rua,

Mulher perdida,

Mulher à-toa.

Mulher da Vida,
Minha irmã.

Pisadas, espezinhadas, ameaçadas.
Desprotegidas e exploradas.
Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito.
Necessárias fisiologicamente.
Indestrutíveis.
Sobreviventes.
Possuídas e infamadas sempre por
aqueles que um dia as lançaram na vida.
Marcadas. Contaminadas,
Escorchadas. Discriminadas.

Nenhum direito lhes assiste.
Nenhum estatuto ou norma as protege.
Sobrevivem como erva cativa
dos caminhos,
pisadas, maltratadas e renascidas.

Flor sombria, sementeira espinhal
gerada nos viveiros da miséria, da
pobreza e do abandono,
enraizada em todos os quadrantes
da Terra.

Um dia, numa cidade longínqua, essa
mulher corria perseguida pelos homens que
a tinham maculado. Afrita, ouvindo o
tropel dos perseguidores e o sibilo
das pedras,
ela encontrou-se com a Justiça.

A Justiça estendeu sua destra poderosa e
lançou o repto milenar:
“Aquele que estiver sem pecado
atire a primeira pedra”.

As pedras caíram
e os cobradores deram as costas.

O Justo falou então a palavra de equidade:
“Ninguém te condenou, mulher...
nem eu te condeno”.

A Justiça pesou a falta pelo peso
do sacrifício e este excedeu àquela.
Vilipendiada, esmagada.
Possuída e enxovalhada,
ela é a muralha que há milênios detém
as urgências brutais do homem para que
na sociedade possam coexistir a inocência,
a castidade e a virtude.
Na fragilidade de sua carne maculada
esbarra a exigência impiedosa do macho.

Sem cobertura de leis
e sem proteção legal,
ela atravessa a vida ultrajada
e imprescindível, pisoteada, explorada,
nem a sociedade a dispensa
nem lhe reconhece direitos
nem lhe dá proteção.
E quem já alcançou o ideal dessa mulher,
que um homem a tome pela mão,
a levante, e diga: minha companheira.

Mulher da Vida,
Minha irmã.

No fim dos tempos.
No dia da Grande Justiça
do Grande Juiz.
Serás remida e lavada
de toda condenação.

E o juiz da Grande Justiça
a vestirá de branco em
novo batismo de purificação.
Limpará as máculas de sua vida
humilhada e sacrificada
para que a Família Humana
possa subsistir sempre,
estrutura sólida e indestrutível
da sociedade,
de todos os povos,
de todos os tempos.

Mulher da Vida,
Minha irmã.

Declarou-lhe Jesus: “Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no Reino de Deus”.

Evangelho de São Mateus 21, ver.31.

(Cora Coralina, Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais, 1993, p. 203-206).

Foi possível extrairmos dos relatos que os poemas de Cora tocam o SER feminino. Nossa poetisa também se dedicou aos menos favorecidos, os que precisavam de apoio e voz... cedeu sua tessitura poética para contribuir com os que vivem ocultos na sociedade.

Nessas reflexões permeadas por um entremeio de vivências e contribuições teóricas que oportunizaram olhar para a vida de uma poetisa e suas vozes, compreendemos como o romper com os estereótipos de mulher e garantir uma tessitura poética do “eu” e do ‘outro” pôde e ainda pode ser recepcionado como palavra viva que representa muitas mulheres brasileiras. É possível afirmar tal recepção aos poemas de Cora Coralina em dias atuais, pelo envolvimento das participantes no minicurso e pelas reflexões e depoimentos que se encontraram nas vidas de Cora.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Sara Dionízia Rodrigues. Formação discursiva e discurso em Michel Foucault. *Revista Filogênese*, Marília, v. 6, n. 2, p. 148-162, 2013. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/#!/revistas-eletronicas/filogenese/edicoes-antiores/2013---volume-62/>. Acesso em: 25 ago. 2017.
- COELHO, Nelly Novaes. A literatura feminina no Brasil contemporâneo. *Língua e Literatura*, São Paulo, v. 16, n. 19, p. 91-101, 1991.
- CORALINA, Cora. *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*. São Paulo: Global, 1993.
- CORALINA, Cora. *Meu Livro de Cordel*. São Paulo: Global, 1994.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martin Fontes, 2003.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2016.
- SCHIMIDT, Rita Terezinha. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia Hoppe (org.). *Rompendo o silêncio*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1995. p.182-189.